UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO

DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS

CLÉCIO PROFETA FONTES

LAGARTO QUE VIROU CIDADE

ITABAIANA-SE

2017

CLÉCIO PROFETA FONTES

LAGARTO QUE VIROU CIDADE

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de graduado em Letras Português Licenciatura.

Orientadora: Profa. Dra. Luciene Lages Silva.

ITABAIANA-SE

2017

CLÉCIO PROFETA FONTES

LAGARTO QUE VIROU CIDADE

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade Federal de Sergipe como requisito para a obtenção do título de graduado em Letras Português Licenciatura.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

_____

José Amarante Santos Sobrinho – UFBA

_____

Luciene Lages Silva – UFS
(Orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus amigos que sempre me apoiaram e confiaram na minha capacidade de evoluir cada vez mais que, por coincidência boa do destino, são mulheres.

Agradeço a Maria Rita, que é uma grande amiga, que sempre esteve ao meu lado quando precisei.

Agradeço, de uma forma especial, às meninas gloriosas: Carla, Marta, Mari e Vanessa que me deram muita força nas horas que mais precisei.

Agradeço a Luciene Lages, que tive a maior sorte de conhecer.

Agradeço de maneira ímpar a Clemilda, que é o principal motivo de eu continuar estudando.

RESUMO

Esta pesquisa centrou-se num levantamento histórico sobre a cidade de Lagarto, tendo como objetivo descobrir qual a origem do nome Lagarto e as hipóteses que se tem sobre ela. Para encontrarmos as hipóteses foi feito um levantamento bibliográfico de alguns estudiosos do tema, tais como Adalberto Fonseca e Floriano Fonseca, além de outros autores como Luiz dos Santos Vilhena e Sebrão Sobrinho. Encontramos três hipóteses que teria dado origem ao nome da cidade: uma fala de uma pedra em forma de lagarto, outra fala de uma pedra que teria poderes místicos e a terceira fala que o nome teria vindo de um dos primeiros colonizadores da região. A partir dessas teorias chegamos à conclusão que umas delas, de fato, realmente teria acontecido e a mais verossímil seria a do colonizador.

PALAVRAS-CHAVE: Lagartense; Rio Jacaré; Pedra do Lagarto.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01- CRUZES DE MADEIRA _____14
FIGURA 02- CRUZES DE CONCRETO _____14
FIGURA 03- MATRIZ POR DENTRO _____19
FIGURA 04- MATRIZ POR FORA _____19
FIGURA 05- ENTRADA DE LAGARTO _____33
FIGURA 06- POVOADO TREZE _____33
FIGURA 07- IGREJA DE SANTO ANTÔNIO_____34
FIGURA 08- BANDEIRA DE LAGARTO _____41

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO_____8
2. COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO _____13
2.1. AS ELEVAÇÕES DE LAGARTO: DE DISTRITO A FREGUESIA _____22
2.2. OFICIALMENTE LAGARTO_____23
2.3. DE FREGUESIA A VILA_____24
2.4. EMANCIPAÇÃO? _____28
3. ORIGEM DO NOME LAGARTO _____30
3.1. PRIMEIRA HIPOTESE: PEDRA EM FORMA DE LAGARTO_____31
3.2. SEGUNDA HIPOTESE: ANTÔNIO GONÇALVES DE SANTANA _____34
3.3. TERCEIRA HIPÓTESE: A PEDRA DO LAGARTO _____37
4. ECONOMIA _____39
4.1. COLÔNIA TREZE: UMA GRANDE FORÇA ECONÔMICA_____42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS _____44
BIBLIOGRAFIA _____47

1. INTRODUÇÃO

Descobrir a origem de algo, independentemente do que seja não é uma tarefa fácil, demanda um ardil trabalho de intensa pesquisa, para isso o pesquisador precisa ter bastante dedicação e um faro apurado de saber o que pesquisar, onde pesquisar e, principalmente, como pesquisar. Esta pesquisa tem o objetivo de descobrir como a cidade de Lagarto, no interior do estado de Sergipe, recebeu esse nome. Qual sua origem? Quais as hipóteses que se tem até hoje? Qual a mais aceita e por quê?

A partir das hipóteses de estudiosos que procuraram desvendar sua origem vamos assimilar as teorias dos pesquisadores e a que, para nós, é mais verossímil, ou seja, a que mais se aproxima da realidade. Não que seja a verdadeira, pois acreditamos que não seja mais possível pelo fato de já ter passado tanto tempo, mas a que por terem evidências mais contundentes seja mais possível de ter acontecido.

A cidade de Lagarto é uma das mais antigas do estado de Sergipe, sua história tem 137 anos de emancipação política, mas evidências comprovam que sua origem se dá há mais de 400 anos, por volta do fim do século XVI, num período que o Brasil era dividido em capitanias.

Os motivos que levaram o governador geral da Bahia D. João de Lencastre, que também governava Sergipe, a fundar Lagarto com esse nome não foram encontrados, mas fontes que tratam da história e da origem da cidade indicam que teve pelo menos duas hipóteses que são mais conhecidas e estudadas por importantes pesquisadores. A primeira fala que se deu pelo fato de um fazendeiro da época ter em seu sobrenome de Lagarto, e a segunda, que também é mais aceita pela maioria do povo lagartense, é que havia uma pedra esculpida em formato de um lagarto e daí a origem do nome. Há também uma terceira hipótese que é pouco conhecida, ela fala de uma pedra mística que se chamava lagarto, mas poucos conhecem essa teoria, quem traz é o historiador Floriano Fonseca.

As duas hipóteses mais conhecidas são válidas já que naquela época era comum presentear as terras a pessoas de posse, terras chamadas de sesmarias e, possivelmente, para agradar o fazendeiro, o governador tenha fundado a vila do Lagarto para homenageá-lo. A teoria da escultura também é bem possível de ter acontecido, já que, até hoje podemos encontrar uma réplica do lagarto esculpido numa grande pedra na entrada da cidade. É por verem a pedra que esta teoria é mais aceita pelo povo

lagartense, já a teoria do sobrenome não se tem uma prova documental da existência do fazendeiro, por meio de seus descendentes que poderiam comprovar sua existência a partir do seu sobrenome. Mesmo não encontrando famílias com o sobrenome Lagarto, essa teoria ainda é bem aceita pelos historiadores.

Muitas pessoas são apaixonas pela região onde vivem e possivelmente têm curiosidade de saber quais as origens da cidade onde moram, sobretudo, aqueles que pouco sabem da história do lugar onde vivem. Muitos lugares, cidades e regiões, têm seus nomes característicos alguns bem comuns, uns considerados estranhos e outros tem o nome bem curioso.

Alguns nomes de cidades, por exemplo, tem o nome de santas ou santos, pois é bem comum, sobretudo, no Brasil. Geralmente recebem os nomes de santas ou santos por influências religiosas, principalmente, da igreja católica que, antigamente, tinha um grande poder nas localidades que se instalava para divulgar sua religião. Essa influência é muito forte na colonização do Brasil por volta da década de 1530, já que a partir daí foram nomeando os lugares que iam sendo explorados.

Muitas cidades foram formadas logo quando o Brasil foi descoberto pelos portugueses, outras foram sendo formadas com o passar do tempo à medida que foi necessitando de novas cidades.

Vários pesquisadores escreveram livros sobre à história de Lagarto e dão hipóteses semelhantes da origem do nome, mas até hoje não se tem uma versão que seja considerada verdadeira ou oficial. Mesmo tendo estudos sobre o tema ainda há a dúvida de qual é verossímil, por isso analisamos as hipóteses e, a partir de alguns critérios, tentamos mostrar qual é mais possível de ter ocorrido.

O primeiro critério foi da linha temporal: procuramos evidências que mostrem que uma hipótese surgiu primeiro que a outra, através de documentos antigos que tragam informações que a hipótese X ou Y é mencionada primeira.

O outro critério foi de evidências físicas: procuramos evidências que comprovem visivelmente que uma ou outra hipótese ainda pode ser vista a olho nu. Esse critério não foi tão complicado porque no caso da pedra, em formato de réptil, podemos ver na entrada da cidade a escultura, mesmo não sendo a original pode nos dar uma dimensão de como ela seria. No caso do sobrenome, averiguamos se existem famílias

com o sobrenome de Lagarto. No caso da pedra que teria poderes místicos tentamos localizar evidências que prove a existência dela na região.

Descobrir, ou melhor, tentar desvendar esses mistérios será de grande relevância para a cidade de Lagarto, sobretudo para o povo lagartense que saberá um pouco mais sobre a história de sua cidade, sobre sua história. Saber nossas origens é de fundamental importância para sabermos quem somos e de onde viemos. Quando se tem conhecimento da sua história como membro integrante de uma determinada região, pode-se aprender muito sobre o passado, como viviam os povos, como faziam para sobreviver, como foram evoluindo com o passar do tempo e a partir daí crescermos como seres humanos aprendendo com os erros e acertos.

Não é apenas uma questão de saber a história, mas também questão de afinidade com a região, mais ainda, é questão de identidade do povo lagartense que a partir de sua história começa a se familiarizar uns com os outros compartilhando suas próprias histórias que muitas são semelhantes.

Para dar um embasamento teórico mais consistente, foi feito um levantamento bibliográfico de alguns pesquisadores que retratam a história de Lagarto. Foram analisados alguns livros e artigos cuja história de Lagarto aparece, para filtrar as informações mais importantes que buscam informar a origem ou as origens da cidade. E, a partir delas, tentarmos chegar a uma hipótese mais verossímil.

No que diz respeito aos teóricos que estudaram Lagarto, foram analisadas muitas fontes, dentre os que analisamos mais a fundo são: Adalberto Fonseca, que tem estudos sobre a história de Lagarto, inclusive um livro que serviu de grande suporte para esta pesquisa: o livro *História de Lagarto* que conta sua origem passando por sua emancipação política no século XIX.

Também analisamos a obra *Febres e Fraudes* do escritor e pesquisador Floriano Fonseca, que trata da história de Lagarto, além de tratar também dos surtos epidêmicos que, por várias vezes, atingiram a região causando inúmeras mortes.

Outro autor de suma relevância foi Sebrão Sobrinho, que em um de seus artigos faz uma crítica a Lagarto, crítica essa que vem de encontro a esta pesquisa, pois ele tenta explicar as origens do nome Lagarto a partir das duas hipóteses mais aceitas e

deixa claro qual ele acredita ser a verdadeira. As hipóteses que analisamos foram as mesmas que Sebrão Sobrinho analisou com acréscimo de uma terceira.

Além desses autores também foram analisadas as cartas de Vilhena da obra *Recopilação* de *Notícias Soteropolitanas e Brasílicas*, sobretudo, as partes em que ele dedica a falar sobre Lagarto. Nessa obra, por ser de âmbito mais geral sobre as capitanias hereditária do Brasil, procuramos dados históricos para ver se as datas dadas por outros pesquisadores mais recentes se confirmam ou se tem distorções significativas, já que, Vilhena foi um pesquisador do século XIX, e um dos mais antigos que fala sobre Lagarto.

Para maior riqueza de detalhe, foram feitas visitas a entidades para colaborar com os objetivos dessa pesquisa. Num primeiro momento, analisamos as fontes que já tínhamos, a partir de então visitamos as escolas mais antigas da cidade de Lagarto a procura de estudos e livros relacionados ao tema desta pesquisa.

Também visitamos a Câmara Municipal e a Prefeitura de Lagarto para ver se encontrávamos documentos que pudessem dar suporte às teorias da origem de Lagarto. Foi feita uma visita à biblioteca Silvo Romero, que também é a biblioteca municipal de Lagarto que se encontra no centro cidade, entrevistamos os historiadores que estavam presentes, além de analisarmos estudos relacionados ao município.

Não só a origem do nome Lagarto foi analisada nesta pesquisa, mas também o poder econômico do município, que é um dos mais ricos do estado, além de analisarmos sua história que vai da sua colonização até os dias atuais.

Lagarto por se encontrar numa região favorável para o plantio com clima agradável, nem muito chuvoso nem muito seco, tem boas condições para a agricultura e para a criação de animais, sobretudo a criação de gado, que foi um dos aspectos que fez crescer a economia da cidade. Além do gado, também faziam e fazem parte da força econômica o cultivo de laranja, a plantação de mandioca para a fabricação de farinha e a plantação de fumo. Nos casos dos plantios de laranjas e de fumo, Lagarto ainda é um dos maiores produtores do estado.

Este trabalho foi dividido em quatro capítulos, o primeiro capítulo, que é esta a introdução, dar um panorama geral da pesquisa. O segundo capítulo dar um apanhado geral da história de Lagarto desde sua colonização até sua emancipação. O terceiro

capítulo trata da origem do nome Lagarto apresentando as hipóteses, as opiniões dos autores e o nosso ponto de vista sobre elas. O quarto capítulo trata da economia da cidade, faz um panorama histórico de como Lagarto passou de um pequeno povoado até a grande cidade que é hoje para o estado. Para finalizar expomos nossas conclusões nas considerações finais.

2. COLONIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

Antes de entrarmos, de fato, na história de Lagarto vamos falar um pouco, na verdade uma breve síntese, da história de Sergipe, para podermos contextualizar melhor Lagarto.

Sergipe está localizado na região Nordeste do Brasil entre os estados da Bahia e de Alagoas. É o menor estado da Federação em tamanho territorial, mas sua história é gigantesca. Sergipe foi descoberto por Cristóvão de Barros, que foi o primeiro colonizador português a se aventurar em terras sergipanas. No ano de 1590, data oficial da conquista de Sergipe, em sua homenagem foi criada a cidade de São Cristóvão a qual recebe o nome do colonizador, e que também foi, por três séculos, a capital do estado.

Mas Sergipe já era uma região conhecida bem antes da chegada de Cristóvão de Barros, segundo Floriano Fonseca: ‘Nascimento de Sergipe data de 26 de agosto de 1535. Através dele Francisco Pereira Coutinho recebeu de El Rey terras que vão do rio são Francisco até a Bahia de todos os santos” (FONSECA, 2015, p. 26).

Segundo Fonseca (2015), por volta de 1550, houve uma grande invasão francesa em terras sergipanas e na década de 1630, houve outra invasão, mas dessa vez foram os holandeses. Esses dois povos foram causadores de muita destruição na capitania sergipana, principalmente, os holandeses que eram bastante violentos, no caso dos franceses, não eram tão violentos, pois o interesse maior deles era o comércio com os índios, por isso fizeram amizade com os nativos da região.

Umas das principais tribos indígenas de Sergipe foram os Tupinambás, que ajudaram os franceses na luta contra a dominação portuguesa, que por sua vez, os portugueses, eram bastante violentos e escravocratas.

A colonização das terras lagartenses se deu por volta do fim do século XVI, com a chegada dos portugueses na região. Ao chegarem uma série de conflitos violentos dos portugueses contra os índios ocasionou a morte de milhares de indígenas, principalmente o principal grupo indígena de Lagarto, que eram os Aperipês, liderados pelo Cacique Suruby, que também foi morto na guerra. Como afirma Adalberto Fonseca:

> A fúria do governador não terminou com a morte de Suruby e o aprisionamento de 1200 índios aproximadamente. Ele queria apagar da história aquilo que marcaria o golpe covarde de seu governo. O fogo ardeu sobre as palhoças e no final só sobrou apenas uma cruz de 80 palmos (FONSECA, 2002, p. 30).

A invasão foi liderada pelo Apóstolo Tomé de Sousa, razão pela qual depois que dominou a região, ela passou a ser chamada de Tapera de São Tomé. A região da Tapera de São Tomé existe até hoje e é conhecida por povoado Taperinha. A cruz de 80 palmos, citada acima por Fonseca (2002), que fora levantada após a guerra para marcar a morte de várias vítimas do conflito, não existe mais, porém no local foram erguidas três cruzes pequenas chamadas de Cruz das Almas. Como vemos nas figuras 01 e 02.

A figura 01 mostra a imagem das três cruzes de madeira no local exato onde foram enterradas as vítimas da guerra. A figura 02 mostra a imagem de três cruzes, mas feita de concreto para não se desgastarem tão rápido como as de madeiras, elas também estão no local das vítimas.

FIGURA 01: CRUZES DE MADEIRA FIGURA 02: CRUZES DE CONCRETO

FOTOGRAFIA: Clécio Profeta Fontes[1]

Ao irmos ao povoado Taperinha para encontrar as cruzes tivemos uma grande surpresa, não é na Taperinha que se encontram as cruzes, e sim no povoado ao lado chamado de Santo Antônio. Fica até hoje o dilema se Lagarto foi fundado no povoado Taperinha ou no povoado Santo Antônio; por estarem juntos os povoados a dúvida procede.

Segundo Menezes Neto “Taperinha e Santo Antônio ocupam o mesmo espaço. Ainda hoje, os dois povoados são ligados a ponto de se confundirem” (MENEZES

[1] Todas as fotografias foram tiradas por Clécio Profeta Fontes.

NETO, 2016, p. 22). Mesmo com essa dúvida, que é bem comum, Fonseca (2002) afirma que: "Santo Antônio, aglomerado primeiro em terras de Lagarto, foi célula inicial que provocou o nascimento do município" (FONSECA, 2002, p. 36,).

Com o passar do tempo, depois de várias invasões bem sucedidas, no caso dos portugueses, e, mal sucedidas, no caso dos franceses e holandeses, Sergipe começou a ficar em harmonia no que diz respeito a invasões. Depois de passadas as principais invasões começaram a surgir os primeiros habitantes em terras lagartenses.

Cristóvão de Barros teve vários ajudantes na sua conquista de Sergipe, um deles foi Antônio Gonçalves de Santana, que foi um dos primeiros colonizadores de Lagarto junto com Gaspar de Almeida e Gaspar de Meneses. Esses três foram os primeiros a formar família em Lagarto após a sua colonização.

Eles se apropriaram de terras próximas aos rios Piauí e Jacaré, por serem regiões de floresta e bom local para o plantio, pois as terras eram férteis (e ainda hoje continuam sendo). Além disso, possivelmente se alojaram próximo a esses rios por causa da comodidade: ter água sempre fresca para o uso diário, seja para cozinhar, tomar banho, irrigação, beber, entre outros benefícios, principalmente por parte do rio Jacaré que é o principal rio de Lagarto no que diz respeito a imensa quantidade de água. Esses dois rios se fundem e formam a barragem de Lagarto, chamada de Barragem Dionísio de Araújo Machado, local onde é capitada a água para o uso do povo lagartense.

Por ser bastante fértil a região, o fazendeiro Antônio Gonçalves de Santana pediu ao governador, através de carta de sesmarias, que lhe desse as terras próximo ao rio Jacaré para plantar e povoar. Essa é a carta de sesmarias retirada do livro *História de Lagarto* de Adalberto Fonseca (2002, p. 40), concedendo parte da região ao fazendeiro, datada de 26 de maio de 1596:

> Saibam e etc. diz Antônio Gonçalves de Santana, morador nos limite da baia que ele vejo a Sergipe ajudar a conquistar essa terra en companhia do governador Cristóvan de Barros e assim mais arrebate nenhum en que se ele não ache com sua pessoa e escravos como é notório e ora não tem terras en que se possa lavrar pelo que ele se quer vir morar a esta companhia com sua casa e obrigasois de filhos e filhas e irmãos pelo que pede a Vm. Respeitando que asima diz lhe de en nome de sua majestade pelo rio saibetiaia asima braso rio piaiu que corre para a banda do norte no fim da dada de gaspar de meneis huma legoa e meia de terra en coadro por coanto ten as sobreditas obrigasois para nela agasalhar. em – despacho - dou ao sopricante en nome de sua majestade na parte que pede não sendo dada e

> sendo dada correra por diante quihentas brasas de terra en coadro com todas as agoas e matos que nela ouver con condison que dentro de quatro meses as venha povoar e não vindo serão dadas por devoluto em Sergipe a vinte e seis de maio de noventa e seis anos. Diogo de quadros.

Não só Antônio Gonçalves recebeu sesmarias do governador, outros colonizadores da mesma época também receberam terras na mesma região, foram os casos de: Gaspar de Meneses e Gaspar de Almeida que pediram terras e foram concedidas por Diogo de Quadros, que era, além de governador, Capitão-Mor da Capitania de Sergipe dEl Rey.

Antônio Gonçalves foi o fundador do povoado Santo Antônio, pois o povoado que leva o seu nome foi o local em que ele e sua família iniciaram a colonização em terras lagartenses. Como já dissemos, este povoado existe até hoje e fica vizinho ao povoado Taperinha, antiga Tapera de São Tomé, aproximadamente 7 km do centro da cidade.

Naquela época era bastante comum a doação de terras para as pessoas que a pedissem com o pretexto de povoar a região, mas elas só eram dadas às pessoas de posse que teriam condições de cuidar da região e a desenvolver, ou seja, os que tivessem dinheiro para investir na região. As únicas formas de ter terras de forma legal eram ganhando do governo, por heranças ou por vendas com o aval do governador. Segundo Carlos Bacellar:

> A obtenção de sesmaria ou de data eram os únicos meios de possuir terras legalmente, processo esse que ficava registrado sob a forma de título concedido. Além disso, essas concessões poderiam ser repassadas para herdeiros, via sucessão, ou para terceiros, por venda, operações igualmente legais (BACELLAR, 2008, p. 33).

Os governadores que davam terras de sesmaria aos que pediam não cobrava nenhum tipo de imposto ou multa pela posse das terras, mas exigia que pagassem o dízimo à igreja pela condição de ficarem com as terras, que na realidade não deixava de ser uma forma de cobrar pela posse. Como veremos num trecho da carta de Muniz Alvares datada de 27 de maio de 1604:

> (...) Dar as pessoas que nol as pedirem as quais teras asim dareis livremente sem outro algu tributo somente o dizimo de Deus que se o deve a ordem de voso senhor Jesus Cristo com as condições e obrigações do foral dando as ditas teras de minha ordem são do quatro livero titulo das sesmarias com condisão que a tal pessoa ou pessoas sirvão na povoação da capitania ou das teras que assim lhe forem dadas ao menos tres anos e que as não posam vender nen alhear e tereis lembrança de que mandareis a cada pessoa mais teras que aquela que segundo sua posebilidade vendes que a podem

> aproveitar de algumas pessoa a que forem dadas teras que as não poderem aproveitar no dito termo que estiverem pedidas e volas tomarem a pedir vos lhe-dareis de novo as aproveitarem com as condeições (FONSECA, 2002, p. 42).

Podemos perceber, nesse trecho da carta de Muniz Alvares, que ele também ganhou terras em Lagarto, em 27 de maio de 1604, e que devia seguir algumas regras para permanecer com elas. Além de pagar o dízimo, outra condição era que ao ganhar as terras não as vendesse. Mesmo sendo proibida a venda de terras ganhas, alguns fazendeiros não cumpriam o acordo e as vendiam, como foi o caso de Gaspar de Marciel, que ganhou sesmarias em 07 de janeiro de 1607, mas como não podia cuidar de toda a região findou vendendo-as. Segundo Fonseca:

> Não encontrando condições de levar a frente a colonização, resolveram os sesmeiros vender as terras a Ordem Terceira do Carmo, que já se encontrava há anos naquele local, passando o sesmo a se chamar vila dos palmares (FONSECA, 2002, p. 43).

A Vila dos Palmares, citada no trecho acima, recebia várias pessoas principalmente escravos fugitivos que iam em busca de proteção. A vila era um convento em que os frades catequizavam os índios e davam proteção aos escravos que fugiam para lá, mas ao chegarem serviam de mão de obra para os donos do local, no caso, os padres, ou seja, continuavam sendo escravos, mas com donos diferentes. Esses fugitivos passavam a serem chamados de "Forros", que significa libertos.

Em 1596, foi fundado o povoado Santo Antônio, e a criação de sua igreja se deu em 1604, oito anos depois da região se encontrar em pleno desenvolvimento: com um engenho de açúcar e com o cultivo do algodão que era industrializado em teares. Aos poucos, o povoado ia se desenvolvendo e crescendo, mas Lagarto, por várias vezes, sofreu com epidemias de doenças.

A grande epidemia, que quase acabou com a população lagartense matando muitos habitantes, surgiu por volta de 1645. Nesse ano uma grande peste apareceu na região, para ser mais específico, no local que fica o povoado Santo Antônio, a peste ficou conhecida por "Bexiga de Santo Antônio".

Não encontramos citações explícitas de qual seria a doença que atingiu o povo lagartense nesse período, mas Fonseca (2015) fala das principais epidemias que assolaram Lagarto desde sua colonização até meados do século XIX, uma delas é a varíola e a outra é a cólera. Como o surto de cólera só acontece tempos depois da

denominada “Bexiga de Santo Antônio”, acreditamos que a doença que matou milhares de lagartenses, em 1645, tenha sido a varíola. Segundo Fonseca (2015): “As epidemias que assolaram o município desde o início da sua ocupação. A varíola e a cólera causaram milhares de mortes e atrasaram o seu crescimento econômico e populacional” (FONSECA, 2015, p. 81).

A “Bexiga de Santo Antônio” foi uma doença devastadora que levou a óbito quase toda a população, além de deixar vários enfermos. Por causa da peste que, até então, era incontrolável, por não disporem dos recursos medicinais que se tem hoje para combater as doenças; por ter se espalhado e se encontrar fora de controle, a população teve que deixar a região do Santo Antônio e fugir para um lugar alto e distante do foco da epidemia.

Os frades da região guiaram as pessoas até uma colina, que hoje é o centro da cidade, pois era um lugar alto e distante do povoado em que se encontrava a peste. Ao irem para lá, os frades levaram vários sobreviventes com eles para o novo local. Às pessoas que estavam mais debilitadas, por causa da doença, foram deixadas para trás, que findaram morrendo por estarem em condições piores de saúde e por não terem sido ajudadas. As pessoas que os frades levaram eram as que estavam em melhores condições de saúde.

Com medo da doença se agravar e contaminar a todos que ainda estavam sãs e que não tinham sido contaminados, os frades resolveram fazer uma prece a Nossa Senhora da Piedade para que os livrassem da doença. Ao perceberem que a doença tinha sumido, os frades construíram uma igreja em homenagem a santa, para agradecer por ter os livrados da peste.

Em 8 de setembro de 1679, foi inaugurada a capela de Nossa Senhora da Piedade (Figuras 03 e 04) que, a partir de então, virou a padroeira da cidade, a capela passou a ser um local de adoração e fé, por parte de muitos lagartenses. Todo ano, no mês de agosto, é comemorada a Quermesse de Lagarto em homenagem à padroeira, é um festejo que reúne pessoas de toda parte, tanto de Lagarto quanto de outras cidades. Até pouco tempo as atrações que se apresentam na Quermesse eram de cunho religioso, mas, ultimamente, percebem-se apresentações de bandas e cantores que não tem ligação direta com religião.

As imagens a seguir mostram a igreja de Nossa Senhora da Piedade, que é a matriz, no local onde é o centro da cidade, possui mais de 330 anos de fundação e, por várias vezes, foi restaurada para manter ao máximo os aspectos originais tanto por dentro quanto por fora.

FIGURA 03: A MATRIZ POR FORA

FIGURA 04: A MATRIZ POR DENTRO

A fuga para a colina deu início à expansão de Lagarto, pois antes o que se tinha eram povos restritos próximos aos rios, como os rios Vaza-Barris, Piauí e Jacaré onde se encontravam pequenas povoações, mas a partir da ida de uma grande quantidade de pessoas para a nova localidade se deu, de fato, a expansão da vila culminando no seu crescimento populacional.

Lagarto não teve sorte no que diz respeito a surto de doenças. Na segunda metade do século XIX, a vila foi arrasada por outra grande peste, dessa vez foi a cólera que surgiu na região e numa rapidez impressionante matou centenas de lagartenses. Por sorte, se podemos chamar assim, nesse período a medicina já estava bem avançada em comparação com a epidemia de 1645.

Como, no fim do século XIX, já se tinha uma melhor condição para cuidar dos doentes não foi tão devastadora quanto a outra, como podemos perceber neste trecho de Fonseca (2002) que, se segue. A epidemia da cólera foi gravíssima, mas medidas foram tomadas para se livrarem da peste o quanto antes:

> Não havia recursos profiláticos que pudesse ser aplicado em defesa dos poucos moradores da vila. Mas dessa vez, a epidemia veio com caráter arrasador. Estávamos em pleno verão de 1869. Essa doença é mais frequente nos meses quentes. E desta felta levou consigo 131 homens, 157 mulheres e 127 crianças. Diante desse quadro assombroso, o Dr. Evaristo Ferreira da Veiga Brandão. Presidente da província, partiu em socorro em aos habitantes de Lagarto, mandando todos os recursos médicos e farmacêuticos, abrindo

> um credito de trezentos mil reis, para que nada viesse a faltar aos lagartenses (FONSECA, 2002, p. 49).

Como já foi dito, os indícios mais contundentes levam a crer que a colonização de Lagarto se deu nas margens dos rios Piauí e Jacaré, no povoado Santo Antônio, que recebera o nome do fazendeiro Antônio Gonçalves de Santana, também essa tese é defendida por grandes historiadores como, por exemplo: Claudefranklin Monteiro, Floriano Fonseca e Adalberto Fonseca. Lagarto possivelmente surgiu nessa região, mas evidências, pouco aceitas por historiadores, mostram que o município pode ter sido colonizado por outro fazendeiro que ganhou terras no mesmo período, porém em lugar distante dos rios Piauí e Jacaré.

Tomé Fernandes, fazendeiro do mesmo período de Antônio Gonçalves de Santana, ganhou terras nas margens do rio Vaza-Barris, que fica distante dos outros dois rios, que se situam na parte mais ao sul da cidade (e o rio Vaza-Barris fica mais ao norte), ou seja, em lugares bem distintos. Como já sabemos o povoado Santo Antônio foi fundado em 1604 com a construção da igreja da região que se daria oito anos depois da chegada de Antônio Gonçalves na localidade.

O povoado Urubutinga, que fica próximo ao rio Vaza-Barris, foi colonizado no mesmo período em que o Santo Antônio surgiu, em 1596, tendo seu principal colonizador Tomé Fernandes. O gráfico a seguir traz todos os lugares, datas e nomes dos primeiros colonizadores lagartenses:

Quadro 1

Nomes	Local	Sesmo	Ano
Francisco Rodrigues	Rio Piauy	300 braças	06.04.1596
Gaspar de Almeida	Rio Piauy	1500 braças	20.04.1596
Gaspar Gomes	Rio Piauy	800 braças	02.12.1595
Manuel de Barros	Rio Piauy	500 braças	28.04.1596
Sebastião de Brito e Francisco de Barros	Rio Piauy	2 Léguas	05.05.1596
Tomé Fernandes	Rio Vasa Barris	600 braças	15.05.1596
Gaspar do Amorim	Rio Piauy	1000 braças	16.05.1596
Pedro do Amorin	Rio Piauy	Meia léguas	16.05.1596
Domingo F. Nobre	Rio jacaré	2000 braças	05.05.1596
Antônio G. de Santana	Rio Piauy	1 Légua	26.05.1596

Gaspar de Menezes	Rio Piauy	1 Légua	27.05.1596
Domingos de Lourenço	Rio Piauy	600 braças	03.12.1596
Muniz Alvares	Rio vasa Barris	4 Léguas	27.05.1604
Gaspar Maciel	Banda do Norte	3 Léguas	07.01.1607

Fonte: (FONSECA, 2002, p. 45)

Como podemos perceber, tanto os rios Piauí e Jacaré quanto o rio Vaza-Barris foram colonizados no mesmo período, com uma pequena diferença de aproximadamente um mês. Por serem datas próximas surgiu a dúvida: será que o inicio da colonização lagartense não teria surgido no Urubutinga? Ao invés do Santo Antônio? Quem levanta essa hipótese é o historiador Adalberto Fonseca, segundo ele:

> Existem escritos que falam de ter sido no Urubutinga onde foi iniciada a colonização de Lagarto, (...) Se olharmos bem e procurarmos coordenar os fatos com as datas, vamos ver o seguinte: Antônio Gonçalves de Santana, Antônio Fernandes nobre, Gaspar de Almeida, Gaspar de Menezes e outros tiveram suas sesmarias concedidas entre abril a maio de 1596 (FONSECA, 2002, p. 51).

Essa hipótese levantada por Fonseca (2002), de que a cidade pode ter sido colonizada no povoado Urubutinga, perde força, porque, os registros que se têm sobre a colonização lagartense apontam para o Santo Antônio, fundado por Antônio Gonçalves de Santana, seu primeiro sesmeiro. Além disso, no Santo Antônio, estão as cruzes que marcam o início da civilização do município, estão também os rios Jacaré e Piauí, que ficam na região que supostamente existiu a pedra do lagarto, é um grande povoado e com uma grande população e que se encontra em pleno desenvolvimento.

Já no caso do povoado Urubutinga, é uma região pequena, não encontramos nenhum registro, marco ou ponto antigo que sugerisse ter sido lá o início da colonização. É uma região pouco desenvolvida e com população bem inferior ao Santo Antônio. Portanto, acreditamos que não tenha sido no povoado Urubutinga, e sim, no povoado Santo Antônio que se originou Lagarto.

2.1. AS ELEVAÇÕES DE LAGARTO: DE DISTRITO A FREGUESIA

Lagarto aos poucos foi ganhando espaço no senário político e econômico na Capitania de Sergipe. Em 1669, deixa de ser Distrito e passa à categoria de Freguesia. Como podemos ver no decreto de 11 de dezembro de 1669, retirado do livro *História de Lagarto* de Adalberto Fonseca (2002, p. 51).

> Os governadores do Arcebispado da Bahia de Todos os Santos na ausência do Arcebispo Dom. Gaspar Barata de Menezes, no uso de suas atribuições, resolvem elevar o Distrito de Lagarto da Capitania de Sergipe à categoria de freguesia, sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade, com as seguintes limitações territoriais. Dista da Vila de Santa Luzia do Itanhi 12 leguas buscando a parte centro da Comarca, e estende-se 11 leguas desde as matas da serra pedregosa da Magota até o Rio Vaza-Barris que lhe fica ao poente, medindo 12 leguas. Com a marcação acima fica criada a freguesia e seu território eclesiástico. A vila que fica numa planície oferece paisagem maravilhosa da serra da Miaba que lhe fica ao norte, e ao sul a serra de Canguim.

Nesse despacho, percebemos os limites da região de Lagarto e seus principais pontos de demarcações da época. Na prática, a mudança de distrito para freguesia não trouxe mudanças significativas, de acordo com Fonseca: “com a criação da freguesia, assegurava-se a presença de um sacerdote com poderes doutrinários na formação religiosa e moral dos habitantes” (FONSECA, p. 52, 2002). Com a elevação de nível o que realmente mudou foi que o padre da freguesia ganhou mais poderes políticos.

2.2. OFICIALMENTE LAGARTO

Muito tempo já tinha passado desde que a região da Nossa Senhora da Piedade da pedra do Lagarto havia sido colonizada, mas só aproximadamente um século depois a região passou a ser oficialmente chamada de Lagarto. Foi só a partir de 1694, com a chegada de D. João de Lencastre em terras sergipanas que se fundou oficialmente a região do Lagarto, datada de "19 de março de 1694, assinado por D. João de Lencastre" (FONSECA, 2002, p. 54). Essa data é a mais antiga da fundação de Lagarto, mas outros pesquisadores defendem que Lagarto foi fundado em 1697. Como não encontramos registros oficiais permanece a dúvida se foi em 1694 ou 1697. Lencastre não apenas fundou Lagarto, como também Itabaiana e outras regiões tanto na Capitania de Sergipe quanto na Capitania da Bahia.

D. João de Lencastre foi o 32° governador da Bahia e do Brasil, governando por oito anos, de 1694 até 1702. Dentre as várias vilas fundadas por ele, tanto na Bahia quanto em Sergipe, há algumas que se destacam: Sergipe do Conde na Bahia, Lagarto e Itabaiana em Sergipe. No total, ele fundou oito vilas, sendo três na Capitania da Bahia e cinco na Capitania de Sergipe. Segundo Vilhena:

> Fundou as três villas de S. Francisco, de Sergipe do Conde, Cachoeira e Jaguaripe. Assim como sinco villas na Capitania de Sergipe del Rey e vem a ser Santo Amaro das Brotas, Itabaiana. Lagarto, Santa Luzia, Villa Nova Real del Rey (VILHENA, 1921, p. 416).

2.3. DE FREGUESIA A VILA

Em 1727, Lagarto foi elevado à categoria de vila. Até então, esse foi o maior salto da região no que diz respeito ao seu crescimento, tanto urbano quanto econômico, pois sua agricultura estava em plena expansão.

Ter essa mudança de status de um simples povoado para vila foi muito significativo para Lagarto, que passava a ter mais controle de sua região, tanto política quanto territorial. Isso não quer dizer que a vila se tornasse independente, pois ainda era subordinada à Capitania, que era gerida pela capital que era quem fiscalizava e controlava o interior sergipano.

Outro ponto importante na elevação de freguesia para vila, foi o fato de que, partir de sua elevação a região passaria, a ter uma guarnição de força policial própria para fazer sua segurança e deixar de recorrer a São Cristóvão por qualquer problema que acontecesse. Havia dois tipos de tropas militares que faziam a segurança da vila, como afirma Vilhena: "A Villa do Lagarto tem igualmente ordenanças e cavalarias" (VILHENA, 1921, p. 265).

Segundo Fonseca (2002), a partir da elevação, a região passou a crescer bastante, a vila atraía pessoas de outros lugares, sobretudo comerciantes que viam vender e comercializar seus produtos. Por ter se tornado vila, a cidade precisava ter seus próprios representantes políticos para formar a administração pública, foi a partir daí que começou, de fato, a política Lagartense como a conhecemos hoje.

Os meios de eleição para a escolha dos seus representantes eram um pouco parecidos com os dos dias atuais, a população votava nos candidatos que estavam em disputa e os mais votados passavam a fazer parte da administração. Hoje os representantes municipais são os vereadores liderados por um prefeito. Naquela época era parecido, existia a Câmara dos Conselheiros da Vila, equivalente a Câmara dos Vereadores nos dias de hoje.

Em 1728, houve a primeira eleição para os representantes da Câmara dos Conselheiros, cinco candidatos mais votados foram eleitos para serem os representantes. O candidato que obteve a maior votação virou o presidente, equivalente ao prefeito, hoje. Com a formação de seus representantes, Lagarto precisava de regras para a população obedecer e ter uma melhor convivência entre eles, para manter a ordem e

para cobrar impostos, pois as mudanças não ocorreram de modo imediato. Mesmo se tornando vila em 1727, só um século depois passou a ter suas próprias leis.

Procuramos registros das primeiras leis do município na Câmara dos Vereadores e na prefeitura da cidade, mas, infelizmente, não obtivemos respostas nem na Câmara e nem na Prefeitura. Segundo os representantes dos dois poderes, não há documentos com dados tão antigos assim. A partir do que nos informaram, os registros foram perdidos com o passar do tempo e com as várias mudanças de gestão.

O documento de leis mais antigo que se tem registrado na Câmara dos Vereadores é datado de 1947, já na prefeitura não nos mostraram nenhum registro histórico (mesmo que tenhamos insistido). Segundo o representante da prefeitura que nos passou as informações, os únicos registros que se tem lá é de posses de prefeitos, mas como não era relevante para essa pesquisa não nos interessamos em olhar com detalhe, pois só haviam datas das posses dos prefeitos e vice-prefeitos.

No livro *História de Lagarto* de Fonseca (2002), encontramos a data da promulgação das primeiras leis de Lagarto, entretanto, encontramos divergências em relação a elas, pois havia, na mesma passagem, duas datas distintas, uma de 26 de abril de 1852 e a outra de 26 de abril de 1862, sendo que ambas tratam da mesma lei, lei N° 641, e que foi promulgada no mesmo dia e mês, só que com ano diferente, o que muda de uma para a outra é apenas a década, já que, uma é de 1852 e a outra de 1862.

Por haver muita coincidência e só divergirem nas décadas, deduzimos que pode ter ocorrido erro de digitação. Mas mesmo com esse possível erro, concluímos que o ano das primeiras leis foi em 1852, por se repetir outras vezes.

A partir dessa lei, N° 641, foram feitos vários artigos de lei em muitas áreas, entre elas se destacam: a área econômica, higiene, trânsito público, polícia e receita. Muitas dessas leis, nos dias de hoje, poderiam parecer que foram feitas para crianças. Por causa das exigências muitos considerariam que são óbvios os decretos. Vejam algumas leis bem curiosas:

> Art. 4°. É também proibido lançarem-se nas ruas e estradas públicas, animais mortos e imundices ou outros quaisquer objetos que possam prejudicar a salubridade pública. O infrator sofrerá multa de 1000 réis ou 2 dia de prisão, e o duplo nas reincidências[2].

[2]FONSECA, 2002, p. 59.

Nesse artigo 4°, que faz parte do capitulo 1°, que trata da higiene, percebemos a preocupação com a higiene das vias públicas. Mesmo parecendo coisas óbvias: não jogar lixo nas ruas, ainda hoje, podemos perceber que essa prática, muito antiga, é bem atual, visto que, por vários lugares de Lagarto, podemos encontrar lixos espalhados na cidade, em casas abandonadas, becos, terrenos baldios, até mesmo nas ruas, estradas e frente de casas.

A lei a seguir também é bem atual, ela faz parte do capitulo 3°, que trata da economia: "Art. 15°. Fica proibida a criação de cães soltos dentro desta Vila e seus povoados, sob pena de serem mortos e seus donos serem multados em 2000 réis"[3]. Essa lei tenta acabar com animais perambulando pelas ruas sem donos.

Hoje, passando mais de um século e meio que essa lei foi criada, ainda podemos ver nas ruas vários tipos de animais, que variam entre cachorros, cavalos e gatos, animais que são domésticos e que deveriam estar nas propriedades de seus respectivos donos. Mas infelizmente vemos várias pessoas soltando animais nas ruas como se fossem objetos que não serviriam para nada.

A próxima lei que selecionamos não "fica muito atrás das anteriores", no que diz respeito à atualidade. Ela faz parte do capítulo 4°, que trata da polícia: "Art. 20°. Ficam proibidas as vozeiras e algazarras. O infrator sofrerá a multa de 2000 réis ou 24 horas de prisão"[4]. O problema do barulho desordenado que ocorria naquela época, ainda perdura até hoje.

Mesmo em 2017, ainda se percebem várias pessoas ligando seus sons potentes na maior altura possível, seja em suas casas, em bares e até em ruas. Os aparelhos de som são colocados num volume tão alto que os vizinhos não conseguem viver em paz. A altura desenfreada do volume atrapalha as pessoas no seu dia-dia, seja por não conseguirem dormir, estudar, ver algo na TV, etc., seja pela possibilidade de provocar problemas de saúde como a surdez.

Naquela época em que Lagarto fez suas primeiras leis, Sergipe mandava em todas as vilas, ou seja, as vilas dependiam do estado, ou melhor, eram subordinadas a ele, e para que alguma lei fosse aprovada teria que passar pelo Governo da Provincial, equivalente à Assembleia Legislativa, hoje.

---

[3] FONSECA, 2002, p. 60.
[4] FONSECA, 2002, p. 61.

O caso de Lagarto não era diferente, mesmo a vila fazendo suas próprias regras elas não poderiam entrar em vigor até ter o aval da Província. Lagarto fazia suas leis e mandava para a Província do Governo de Sergipe, para sua sede na capital. Como as primeiras leis de Lagarto foram feitas em 1852, a capital ainda se encontrava em São Cristóvão, pois Aracaju viria a ser capital em 1855, desse modo as leis eram enviadas para o governo que avaliava uma por uma e dizia se a vila poderia aplicá-las ou não.

2.4. EMANCIPAÇÃO?

Tempos depois de Lagarto ter se tornado vila passou a almejar ares maiores. A população lagartense resolveu lutar por sua emancipação política. O maior defensor da emancipação foi o vigário José Alves Pitangueira, que era o maior incentivador da vila virar cidade.

O padre morreu antes que seu sonho se realizasse, de ver sua vila transformada em cidade. Lagarto mesmo com conflitos políticos conseguiu sua elevação em 20 de abril de 1880. Na ocasião, foi comemorado o feito no centro da cidade com a presença de várias pessoas influentes, como jornalistas, políticos e escritores.

Na cerimônia houve uma homenagem ao jornalista e padre José Alves Pitangueira por sua luta em prol da vila e de sua independência. Após virar cidade o povo lagartense comemorou por um bom tempo o feito. Segundo Fonseca: "A notícia da emancipação de Lagarto provocou na cidade tamanha euforia que houve vários dias de festas alusivas ao ato" (FONSECA, 2002, p. 70).

Todo dia 20 de abril o lagartense comemora a emancipação política da cidade, é esse o termo (emancipação política) que todos divulgam e falam quando a cidade completa ano. É também um dos termos que Adalberto Fonseca utiliza quando se reporta a Lagarto quando a vila vira cidade.

Mas será que esse termo realmente é correto? Ou seria correto afirmar que Lagarto não foi emancipado, e sim, elevado à categoria de cidade? Esse questionamento surge a partir do escritor e historiador Claudefranklin Monteiro[5], que publica em uma revista que Lagarto não foi emancipado, e sim, elevado à categoria de cidade, não conseguimos encontrar essa revista, mas o artigo que ele fala de Lagarto ele publicou em seu próprio site na internet. Claudefranklin Monteiro aponta várias vertentes que sustentam sua tese. Segundo o autor:

> Antes de tudo, cabe informar e reparar uma distorção que se atribui a história de Lagarto, que a meu ver é equivocada. À luz das fontes disponíveis, Lagarto nunca precisou ser emancipado de ninguém, haja vista que sempre já o fora, desde sua fundação: 20 de outubro de 1697. Isto sem falar que em 1679, já possuía sua própria, digamos, liberdade eclesiástica, com sua Paróquia. De tal modo que, diferentemente de outros lugares de Sergipe,

[5]Disponível em: http://historiaeculturadelagarto.blogspot.com.br/2010/04/emancipacao-e-emancipacoes-130-anos-da.html

> Lagarto nunca pertenceu a outro território para assim ficar "emancipado". Emancipado de quem? Ganha um doce que tiver uma resposta[6].

Claudefranklin Monteiro realmente tem razão quando afirma que Lagarto não fazia parte de outra região para poder ser emancipado, mas será que a vila era totalmente independente? Mesmo não fazendo parte de outro território, ela ainda dependia bastante da capital, dito que Lagarto não tinha autonomia sobre suas próprias leis, pois para colocar suas leis em prática necessitava do aval da Província (hoje governo do estado) para poder aplicar seus próprios decretos. Ainda segundo Claudefranklin Monteiro:

> A emancipação, se entendida como constituição de uma estrutura diferente de Villa (eminentemente agrária), agora urbana, com todo um aparato político e social, com Câmara, leis, códigos de postura, entre outros, aí sim. Mas, no sentido de separação política e independência como se construiu até então, jamais. Insisto, é um equívoco. Uma distorção sem tamanho. A Lei nº 1140, sancionada em 20 de abril de 1880, ato jurídico que eleva a Vila de Lagarto à condição de cidade, não menciona emancipação ou libertação, ou algo do tipo[7].

Mesmo que Lagarto no seu decreto oficial que, passa de vila para cidade, não tem a palavra emancipação, e sim, elevação, Lagarto foi sim emancipado, não nos moldes de pertencer a outra região e se desvincular, como ocorreu com várias cidades e com o próprio estado de Sergipe, que era dependente da Bahia e no começo do século XIX conquista sua liberdade dos baianos. Mas sim, emancipação no sentido de independência política, pois assim que a vila passou a virar cidade também deixou de depender da província para seu comércio e para aprovação de suas leis, já que, a partir de então, passou a comercializar seus produtos de forma independente sem a interferência do estado, e também passou a elaborar e sancionar suas leis sem a necessidade do aval do governo.

[6]Disponível em: http://historiaeculturadelagarto.blogspot.com.br/2010/04/emancipacao-e-emancipacoes-130-anos-da.html
[7]IDEM.

3. ORIGEM DO NOME LAGARTO

Como vimos anteriormente, a cidade de Lagarto tem vários séculos de existência, sendo descoberta aproximadamente um século depois da descoberta do Brasil, e no mesmo período da descoberta de Sergipe. A história da origem do nome de Sergipe se deu logo após sua descoberta e em relação a ela não há controversas ou teorias diversas que poderiam fomentar dúvidas quanto a sua origem.

A região, hoje estado de Sergipe, no início da sua colonização se chamava região do Cotinguiba, por causa do rio Cotinguiba que era bem famoso e antigo. Mas esse nome não durou por muito tempo, foi quando Mem de Sá, então governador da Capitania da Bahia e que também era governador da Capitania de Sergipe, por ter um engenho no recôncavo baiano que se chamava Sergipe, para homenagear seu engenho, Mem de Sá resolveu colocar o nome Sergipe na região do Cotinguiba, e assim perdura até hoje. Como podemos perceber nessa passagem do livro *Laudas da História do Aracaju* de Sebrão Sobrinho "Sergipe é um nome baiano, de um pequeno rio do recôncavo, que denominou ao engenho de Mem Sá" (SEBÃO SOBRINHO, 1954, p. 20).

Ao contrário de Sergipe, em que não há controversas explicitas sobre a origem de seu nome, por sua vez Lagarto há hipóteses diferentes para a origem de seu nome. São várias hipóteses que vários pesquisadores trazem sobre a origem do nome Lagarto. Vamos aqui destacar as principais para vermos qual delas é mais verossímil. Vamos analisar uma por uma apoiadas por estudos de historiadores que tratam do tema. Veremos qual delas teria mais chances de ter ocorrido.

O nosso objetivo não é provar a hipótese verdadeira, e sim, a partir de teorias mais claras mostrar a que, por ter mais evidências, seria a mais verossímil, pois tendo passado tanto tempo da sua fundação, acreditamos que provas definitivas já não existam mais, o que poderia existir seriam vestígios que nos levasse a ter uma ideia mais clara do que poderia ter acontecido, a partir das análises das hipóteses mais aceitas por pesquisadores.

São três as hipóteses que tenta explicar a origem do nome de Lagarto. A primeira fala de uma pedra em formato de um lagarto, ou seja, uma escultura; a segunda fala de um fazendeiro que, no início da colonização lagartense, deu seu nome a região e

a partir de então a região teria passando a se chamar como conhecemos hoje; e a terceira fala de uma pedra, que se chamava lagarto e que teria poderes místicos.

3.1. PRIMEIRA HIPOTESE: PEDRA EM FORMA DE LAGARTO

Esta hipótese é a mais conhecida entre a população lagartense: a origem do nome teria surgido a partir de uma pedra em formato de lagarto. Essa teoria foi bastante estudada por grandes historiadores, entre eles se destacam: Adalberto Fonseca, Floriano Fonseca e Sebrão Sobrinho. Por existirem grandes estudiosos como eles considerando válida a hipótese da pedra em forma de réptil, nós também consideramos essa hipótese para ser analisada. Essa teoria teria surgido tempos depois da chegada dos portugueses, liderados por Antônio Gonçalves de Santana, em terras lagartenses.

A seguir vemos um relato de Fonseca (2002) se referindo a arquivos[8] da Paróquia de Lagarto, onde ele teria achado menções a respeito da existência da pedra:

> No livro n° 1, do Arquivo da Paroquia de Lagarto, folha n° 1, encontrei a seguinte anotação manuscrita: "não encontrando quem me desse posse, assumir a Paróquia de Nossa Senha da Piedade da Pedra do Lagarto"... Voltando ao ano de 1679, no documento que elevou Lagarto a categoria de Freguesia, encontramos a mesma citação sobre a pedra, igual a feita pelo Pe. José Saraiva Salomão em sua posse. Essas duas citações já bastaria para cremos na existência da pedra (FONSECA, 2002, p. 66).

Na citação, podemos perceber que já se falava da existência da pedra a aproximadamente um século depois da data da colonização da região, que foi em 1596. A pedra em forma de réptil teria surgido próximo ao rio Jacaré, local onde teria sido fundada a cidade; ela, a pedra, ficava a três quilômetros de um riacho chamado Lagarto. De acordo com Fonseca (2002), esse riacho ficava próximo ao rio Jacaré:

> Em 1903, o Dr. João de Matos, em seu trabalho, sobre Lagarto localizou o riacho que é um dos afluentes do Macuna, o qual desagua no rio jacaré, pelo nome de Lagarto, afirmando que o riacho nascia a margem esquerda da pedra (FONSECA, 2002, p, 66).

Fomos até os rios Piauí e Jacaré, no povoado Santo Antônio, para tentar localizar o riacho. Ao chegarmos lá não encontramos nenhum riacho ou rio com esse nome,

[8] Vale destacar que fomos à Paróquia de Lagarto em busca desses documentos e de outros que falassem da história da cidade, mas, infelizmente, não achamos nenhum documento que fale sobre as suas origens. Quem nos atendeu foi o Padre Raimundo Dinis, que era o então representante da igreja. Segundo ele, todos os documentes que falavam sobre a história da cidade e sobre a história da paróquia teriam desaparecidos. Ainda segundo o Padre, isso teria ocorrido na segunda metade do século passado. Perguntamos o que teria ocorrido para esses documentos, tão importantes para a história do povo lagartense, ter desaparecido assim de repente. Ele afirmou que não sabia como teria sumido. Segundo o padre, quando ele chegou na Paróquia já não existiam mais vestígios desses documentos e que lamentava que papeis tão importantes tivesse um fim inexplicável.

perguntamos aos moradores da região, mas ninguém conhecia nenhum riacho chamado Lagarto. Eles disseram que além dos rios já conhecidos Piauí e Jacaré, havia vários outros rios que desaguam nesses dois, porém nenhum com o nome da cidade. Fonseca (2002) afirma que a pedra do lagarto se encontra a três quilômetros do riacho. Tentamos encontrar a localização de onde ficava a pedra, mas também não encontramos.

Tentamos encontrar o riacho e o local que teria surgido a pedra, porém sem sucesso, possivelmente esse riacho poderia ser qualquer um dentre os vários rios que existem na região, talvez com o passar do tempo ele tenha mudado de nome, ou poderia ter mais de um nome, e teria prevalecido outro nome que podem estar usando até hoje. Mas são apenas suposições, pois, de fato, não se tem nenhuma prova de que realmente tivesse existido esse riacho, essa também é a opinião de Adalberto Fonseca e Floriano Fonseca, que por não encontrarem vestígios dele, que poderiam levar ao local da pedra, acreditavam que o tal riacho nunca tivesse existido. Segundo Fonseca (2015): "No que diz respeito a importância do riacho Lagarto, até os dias de hoje não foi identificado o seu leito" (FONSECA, 2015, p 54).

Segundo Fonseca (2002), se essa pedra tivesse de proposito, sido destruída, seria um grave atentado às origens de Lagarto: "A destruição da pedra bem poderia ser considerado um crime histórico, todavia isso não era do conhecimento dos que a destruíram" (FONSECA, 2002, p. 67).

Fonseca (2002) diz que seria um "crime histórico" terem destruído a pedra do lagarto. O fato é que, se existiu, hoje não existe mais. Como essa suposta pedra desapareceu sem deixar rastros, uma outra foi esculpida para lembrar dela. Na verdade, foram esculpidas duas pedras em formato de lagarto para homenagear a cidade e para preservar suas origens.

Essas esculturas foram colocadas nas principais entradas da cidade, uma podemos encontrar no trevo que vai para Aracaju e para Itabaiana, e a outra fica na Colônia Treze - povoado de Lagarto - no trevo que vai para Aracaju e para Boquim. São esculturas grandes e bem atraentes. Todos que entram na cidade, por essas duas entradas, se deparam com a pedra gigante em forma de réptil e tendem a ficar admirados com a beleza das obras e a associam a imagem do lagarto ao nome da cidade.

A escultura da figura 05 pode ser encontrada no trevo que vai para Aracaju e Itabaiana. A escultura da figura 06 pode ser localizada no povoado Colônia Treze no trevo que vai para Aracaju e Boquim.

FIGURA 05: ENTRADA DE LAGARTO

FIGURA 06: POVOADO TREZE

3.2. SEGUNDA HIPOTESE: ANTÔNIO GONÇALVES DE SANTANA

A segunda hipótese também é bem conhecida e aceita por muitos pesquisadores. Como já falamos aqui, Lagarto teria surgido por volta de 1596, com a chegada dos colonos portugueses na parte centro sul do estado de Sergipe, região que aglomeram: Tobias Barreto, Simão Dias e Lagarto, sendo Lagarto a principal cidade dessa região por causa do seu extenso território, sua numerosa população e por ter a maior economia e o maior comércio da região.

A chegada dos portugueses nessa região foi liderada por Antônio Gonçalves de Santana, que teria sido o primeiro sesmeiro a ganhar terras da coroa em território lagartense para povoar a região. O fazendeiro criou família e fundou uma comunidade, aos poucos ele foi ganhando prestígio e sendo conhecido por todos. A região que ele povoou é aquela em que se localizam os rios Jacaré e Piauí. Ela ficou conhecida como povoado de Santo Antônio, nesse povoado foi criada a primeira igreja da cidade, a igreja de Santo Antônio (figura 07), bem famosa no município até hoje.

Hoje em dia, num certo período do ano, uma multidão de fiéis peregrina até a igreja para homenagear o santo, para louvações e para pagarem promessas. Possivelmente, o fazendeiro era devoto de Santo Antônio, talvez tenha mandado fazer a igreja em homenagem ao santo que levava seu nome.

FIGURA 07: IGREJA DE SANTO ANTÔNIO

O fazendeiro, tão famoso na região, teria sido um veterano de guerra e por suas vitórias teria ganhado um brasão com um símbolo de um lagarto verde, como podemos constatar nessa passagem de Fonseca (2002): “(...) Nobre português que veio colonizar

as terras de Sergipe e que tinha atributos de um lagarto, título recebido por alguma façanha de guerra" (FONSECA, 2002, p. 66).

O fazendeiro teria esse brasão de recordação e gostava tanto dele que o pendurava na porteira de sua fazenda, ele era conhecido por Antônio Gonçalves de Santana do Lagarto, a parte do nome chamado de *Lagarto* seria um apelido por causa do título, como podemos constatar nesse trecho do ANTT (Arquivo Nacional da Torre do Tombo), retirado do livro *Febres e Fraudes* de Floriano Fonseca (2015, p. 55):

> Trazem por Armas em campo de prata três lagartos verdes em faixas matizadas de ouro, timbre um dos lagartos. Esta família parece originária da Beira e ter seu assento no bispado de Lamego existia já no tempo de D. Manuel, e lograva nobreza usando de Brasão de Armas; pois se acham já registradas e iluminada no Livro da Armaria Nobreza do Reino que mandou formar por conservação da sua memória, onde se acham ás fls. 37 e são acima diz; sem dúvidas alusivas ao apelido ao qual foi tomado por alcunha dado a algauã de prata le referência quazi infalível da nobreza pessoal de quem os ganhou e o mesmo indicam os salpicos de ouro dos Lagartos. Procedem dessa família os filhos de D. rodrigo de Noronha e os de D. Joam de Melo de Abreu.

Por Antônio Gonçalves ter esse apelido e ser famoso, a região teria ganhado o nome de Lagarto em sua homenagem. Essa hipótese ganha força a partir do comentário do professor Sebrão Sobrinho, ele tece considerações acerca da pedra do lagarto e sobre o fazendeiro. Para o autor, a hipótese da pedra no formato de um réptil seria coisa da imaginação do povo, pois ele acreditava ser improvável que uma região tivesse seu nome vindo a partir de uma pedra, e, muito menos que existisse uma pedra em forma de lagarto.

Sobrinho em seu relato sobre a origem do nome da cidade de Lagarto, na 22ª edição da *Revista do IHGS* (Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe), traz argumentos que explicam o porquê dele acreditar ser o fazendeiro que deu origem ao nome da cidade ao invés da suposta pedra. Segundo Sebão Sobrinho:

> Como é que uma simples pedra, semelhante a um bicho, dera nome a uma localidade, quando era costume do colono português ou conservar o nome indígena do acidente geográfico, ou dar-lhe o nome de outro, que lhe evocava a saudade, ou que lhe tomava o apelido, do proprietário! Ora, se a tal pedra criada pela fantasia, era existente ao norte da atual Lagarto, como é que ao local primitivo, em Santo Antônio, aonde há a primitiva Matriz, se deu o nome de Lagarto?! É que Lagarto não tem a origem de seu nome de tal pedra, um quilômetro ao norte, pois que Lagarto era o nome da Igreja Velha de Santo Antônio, a quinze quilômetros a oeste. Infelizmente ainda se não codificou a história de Sergipe, mas bato nos peitos e juro pela Nossa Senhora da Piedade de que Lagarto foi sobrenome do proprietário de suas

> terras, as terras do Lagarto, depois de Lagarto e, afinal, Lagarto (SEBRÃO SOBRINHO, 1955-1958, p. 105,).

Sebrão Sobrinho é convicto de que a pedra não tem nada a ver com a localidade e que é uma invenção de quem criou a existência dela. De acordo com Sobrinho: "Uma blague, uma mentira, que tive como verdade antes de raciocinar. Se pensasse eu antes, não cairia na esparrela" (SEBRÃO SOBRINHO, 1955-1958, p. 105).

3.3. TERCEIRA HIPÓTESE: A PEDRA DO LAGARTO

Essa terceira teoria quem a traz é o historiador Floriano Fonseca, em seus estudos sobre a história de Lagarto e a origem do nome, ele mostra uma hipótese pouco conhecida. Segundo o pesquisador, a pedra do lagarto nada tem a ver com a pedra que conhecemos hoje, esculpida em forma do réptil. Fonseca (2015) afirma que o nome poderia ter vindo de uma pedra que existia na região, uma pedra de monólito azul, essa pedra se chamava pedra do lagarto e teria origens místicas.

A história mística da pedra é curiosa. Certa vez um caçador em meio a sua caça se deparou com uma serpente muito grande e ele, desesperado sem saber o que fazer, rezou para Nossa Senhora da Penha, para que o livrasse do perigo e acabasse com a cobra, suas súplicas teriam dado certo e de repente teria surgido um grande lagarto, a partir de uma pedra azul, e o lagarto teria espantado a cobra.

Depois desse fato que teria ocorrido com o caçador, a pedra de monólito passou a ser conhecida por pedra do lagarto. Sobre a existência dessa pedra na cidade não se tem vestígios, mesmo Floriano Fonseca afirmando que poderíamos encontrar pedaços dela em uma determinada rua da cidade. Fomos investigar o local apontado por ele a fim de encontrar vestígios da pedra, mas não encontramos nada sobre a existência dessa pedra azulada.

Fonseca (2015) afirma que essa pedra pode ser encontrada em outros lugares do Brasil, segundo o autor: “A exemplo da rota do lagarto na Pedra Azul, no Espírito Santo. No Parque Nacional da Serra do Caparão também existe a pedra do lagarto, onde os índios da região fazem rituais religiosos” (FONSECA, 2015, p. 58).

Mesmo não encontrando evidências sobre essa pedra de monólito, não podemos deixar de considerar essa hipótese, pois achar vestígios dela seria praticamente impossível pelo fato de ter se passado mais de 400 anos desde o início da existência da região. Além, é claro, de a região ter sofrido várias transformações físicas, já que, se construíram várias casas e também várias construções foram derrubadas, não só esse fenômeno ocorreu como também a abertura de ruas e de calçamentos diversos; paralelepípedos e asfaltos que ajudariam a encobrir a existência da pedra.

Dentre as teorias mais conhecidas, Floriano Fonseca considera a teoria da pedra do lagarto a mais plausível de ter ocorrido, segundo ele: “Considero, pois, o nome do

município ligado diretamente ao monólito em questão" (FONSECA, 2015, p. 66). Entendendo os argumentos e as justificativas que ele apontou para defender sua tese de que a origem do nome veio da pedra azul, os consideramos frágeis, pois essa teoria não apresenta nenhuma evidencia que sustente essa tal hipótese nem outras citações de outros autores conhecidos.

4. ECONOMIA

Lagarto sempre teve uma boa economia, sobretudo na pecuária e na agricultura. O município por se localizar no centro do estado tem maior facilidade de comercializar seus produtos com comerciantes e consumidores de outras regiões. A criação de gado era um dos maiores trunfos econômicos do estado, pois no fim do século XIII, segundo Fonseca (2015): "Lagarto se apresentava como maior produtor de gado da província" (FONSECA, 2015, p.72).

Lagarto com o passar do tempo foi perdendo território para seus vizinhos, a região era bem maior do que é hoje. Mas por conflitos políticos as outras regiões que faziam parte do território lagartense foram aos poucos tendo autonomia, ao ponto de se separarem de Lagarto e formarem novas cidades, foram os casos de Riachão do Dantas, Simão Dias, Poço Verde e Tobias Barreto.

Mesmo perdendo território para essas cidades, Lagarto ainda hoje é um dos maiores municípios do estado, tanto em tamanho territorial e população quanto em economia. Lagarto só não teve um crescimento populacional mais expressivo pelo fato de ter ocorrido vários surtos epidêmicos, que matou milhares de pessoas ao longo de sua história.

A cultura da criação de gado e da cana de açúcar vem de um dos primeiros colonizadores de Lagarto que se apropriou da região. Foi o fazendeiro Gaspar D'Almeida, que deu início à criação desses produtos, como podemos ver nessa passagem de Fonseca (2002):

> Gaspar D'Almeida foi o tronco de uma das famílias tradicionais de Lagarto, tendo sido alto funcionário da corte portuguesa seu sesmo teve grande impulso econômico, introduzindo-se a cultura da cana de açúcar e a criação do gado na região, cuja prática vem sendo seguida até os dias atuais por seus descendentes (FONSECA, 2002, p. 37).

Ainda na época da colonização lagartense, como já foi dito, vários fazendeiros ganharam sesmarias na vila, com o pretexto de povoar a região e desenvolvê-la. Outro fazendeiro que teve bastante relevância no início da conquista foi Muniz Alvares, que ganhou terras em 27 de maio 1604, no local onde hoje se encontram os povoados Urubutinga e Caraíba, próximos ao rio Vaza-Barris. Muniz alvares foi o primeiro fazendeiro a construir engenho em Lagarto.

A pecuária e a agricultura já estavam sendo bem desenvolvidas, no caso da agricultura, além da plantação da cana de açúcar, tinham também, com destaque, o milho, o algodão, a mandioca e o fumo, como podemos ver nesse trecho da carta XVI do livro *Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasílicas* de Luiz dos Santos Vilhena, que se reporta aos produtos produzidos na região sul da Capitania de Sergipe dEl Rei, região a qual Lagarto, no período, fazia parte:

> É ela bastante povoada nas vizinhanças e margens dos rios, em razão da fertilidade dos terrenos, e principalmente em açúcar, algodão, tabaco, farinhas de mandioca, e legumes, além de muito gado (VILHENA. 1921, p. 571).

Lagarto passou por um período em que a cana de açúcar foi bastante valorizada e tinha grande influência na renda do lagartense, mas no fim do século XIX, esse produto começou a ser desvalorizado, não só em Lagarto, mas também em todo o estado, a cana de açúcar começou a entrar em decadência, principalmente por causa da concorrência de outros estados que passaram a tirar o espaço de Sergipe como grande produtor e vendedor do produto.

Lagarto não conseguia ser mais competitivo na cana de açúcar e passou a investir, mais forte, em outros produtos agrícolas em que já se destacava, entre eles a mandioca, a laranja e o fumo. Hoje Lagarto é um dos maiores produtores de farinha de mandioca do estado com várias casas de farinha no interior do município. A mandioca tem uma relevância tão grande para o povo lagartense que é feita uma festa em homenagem a ela, chamado de Festival da Mandioca e é comemorado todo ano no mês de junho.

No caso da laranja, Lagarto também é grande produtor com vários sítios em vários povoados da região com diversas plantações, elas são para o consumo próprio do lagartense e para a comercialização com outros produtores e consumidores de outras regiões.

No caso do fumo, Lagarto é o maior produtor do estado com inúmeras plantações por várias regiões do município, tanto na cidade quando nos povoados, o tabaco lagartense é tão respeitado que é vendido para outros estados e outros países. De acordo com Menezes Neto:

> O fumo cultivado em Lagarto tem comércio garantido em todo o Nordeste e Norte; chegou a ultrapassar as fronteiras dos estados do Amapá; Roraima e

> alcançou as Guianas (Guiana Francesa; Suriname, ex-guiana holandesa; e Guiana, ex-guiana inglesa) (MENEZES NETO, 2016, p. 49).

O fumo hoje é o principal produto agrícola da cidade e é parte essencial da economia lagartense, é tão importante que a cidade é conhecida como "cidade do fumo". Sebrão Sobrinho quando se refere a Lagarto num artigo publicado na *Revista IHGS* (Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe), chama de "tabagíaca cidade": "Nas incontáveis vezes que me demorei na tabagíaca Cidade" (SOBRINHO, 1955-1958, p. 105). Também podemos ver a presença do fumo, que já é símbolo da cidade, na bandeira do município (Figura 08), assim como a presença da laranja, de berrantes por causa da pecuária que também é importante na região, e no centro da bandeira o maior símbolo que é o lagarto:

FIGURA 08: BANDEIRA DE LAGARTO

Fonte: https://www.google.com.br/search?q=BANDEIRA+DE+LAGARTO+SERGIPE

4.1.COLÔNIA TREZE: UMA GRANDE FORÇA ECONÔMICA

Ao enfatizar a produção de fumo em Lagarto não podemos deixar de falar do fundador do povoado Colônia Treze, Antônio Martins de Menezes, ele era um fazendeiro importante que plantava fumo na região, hoje conhecida por Colônia Treze.

Na década de 1920, o governo de Sergipe resolveu fazer uma rodovia ligando a cidade de Lagarto à cidade de Salgado, como Lagarto tinha uma grande produção de fumo precisava de uma estrada mais qualificada para escoar a produção, tanto de fumo quanto de outros produtos cultivados na região, como laranja e maracujá.

No período em que foi construída a estrada, houve uma grande chuva que obrigou os trabalhadores a se alojarem em um determinado lugar enquanto esperava passar o período chuvoso, o local que eles pararam para se proteger foi no quilometro treze de Lagarto para Salgado. Por passarem tanto tempo na região o local ficou conhecido por Colônia Treze. Hoje é o maior povoado de Lagarto com cerca de 20% da população lagartense morando na região e tem as maiores produção de fumo de Lagarto.

Mesmo tendo recebido o nome de Colônia Treze por causa do acampamento dos trabalhadores que se alojaram a treze quilometro da cidade, como já foi dito, hoje oficialmente o treze fica a 15 quilômetros do centro de Lagarto e a 8 quilômetros do centro de Salgado, pois o povoado se desenvolveu 2 quilômetros a mais do local onde os trabalhadores repousaram.

Esse local de colonização foi impulsionado por Antônio Martins de Menezes, que possuía várias terras na região, ele incentivou a população a plantar no Treze, dando pedaços de terras para que eles plantassem e desenvolvessem o povoado, de fato, ocorreu o desenvolvimento da região graças ao fazendeiro, que é considerado o colonizador da Colônia Treze. O povoado Treze foi fundado na década de 1950, é bem desenvolvido e tem uma grande economia de dar inveja a muitas cidades de Sergipe. Segundo Meneses, o povoado tem status de cidade:

> Hoje decorrido mais de 60 anos de sua fundação, a Colônia Agrícola do Treze é este lugar bom para se viver bem. Sua população de 20 mil habitantes, goza de uma infraestrutura não possuída pela maioria dos municípios sergipanos. O povoado Colônia Treze conta com escolas dos quatros níveis de ensino: infantil, fundamental, médio e superior; dispõe de centro de saúde, funcionando 24 horas/dia, de rede de farmácias, restaurantes, pizzarias e churrascarias; possui academia de ginásticas, supermercado; e

> sua feira aos domingos atrai consum idores da sede e dos municípios vizinhos – Salgado, Boquim e Itaporanga d'Ajuda (MENEZES NETO, 2016, p. 176).

Hoje Lagarto vive tanto da produção agrícola quanto do comércio de gêneros alimentícios, de vestuário, de material de construção entre outros tantos. A cidade possui uma grande feira livre que atrai muitos comerciantes e consumidores tanto do município quanto de cidades vizinhas, já que a cidade é referência no comércio centro sul do estado, tendo a maior feira livre da região.

O município também é polo de várias fabricas de vários gêneros que vai da produção de plásticos, farinha de milho, pimenta, macarrão, vinagre, todos esses produtos são industrializados a partir da Indústria Alimentícia Maratá, além do já citado fumo que também é industrializado com a marca Fumo Rocha.

Todas essas fábricas empregam grande parte da população lagartense que depende basicamente dessas indústrias para terem suas rendas. Não só empregam os lagartenses como também trabalhadores de outras cidades que vêm trabalhar em Lagarto, cidades como Tobias Barreto, Simão Dias, Poço Verde, Salgado, entre outras. A feira livre por ser bem expressiva também faz parte importante da renda do lagartense empregando vários trabalhadores informais tanto locais quando das cidades vizinhas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa procuramos apresentar um pouco da história de Lagarto, desde sua colonização até sua emancipação política, também vimos como se deu a origem do nome Lagarto a partir de teorias expostas por diversos historiadores.

Num primeiro momento analisamos como se deu o processo de colonização da cidade, que é datado de 1596, a partir da chegada dos colonos portugueses, liderados pelo fazendeiro Antônio Gonçalves de Santana, que é considerado seu colonizador. A partir da chegada do fazendeiro as margens dos rios Piauí e Jacaré, começou o desenvolvimento da região com a formação de famílias e a chegada de moradores para ajudar a povoar a localidade.

Tempos depois ocorreram vários problemas como surtos de doenças, que obrigou a população ribeirinha a se distanciar do local e a procurarem abrigo em pontos altos e distante do foco da doença. Assim que eles começaram a migrar para outras partes se deu, de fato, a expansão de Lagarto culminando no seu crescimento populacional, já que pessoas de outros lugares da grande região de Lagarto começaram a se juntar e construir uma grande comunidade.

Num outro momento desta pesquisa, procuramos desvendar a origem do nome Lagarto que acreditamos ser de fundamental importância para o povo lagartense que verá outro ponto de visto de como, teoricamente, teria surgido o nome da cidade. Apresentamos três hipóteses que foram estudadas por importantes pesquisadores, a exemplo de Adalberto Fonseca e Floriano Fonseca.

Como já vimos, duas hipóteses são bem conhecidas pelo povo lagartense, a primeira diz que o nome da cidade vem do sobrenome de um fazendeiro e a segunda diz que o nome vem de uma pedra cujo formato seria de um lagarto. A qualquer pessoa nativa da cidade que fizermos a pergunta: qual a origem do nome Lagarto? Muito provavelmente responderia umas das duas hipóteses do réptil ou do colonizador.

Também citamos uma terceira hipótese pouco conhecida: diz que a origem do nome vem de uma pedra de monolítico, chamada pedra do lagarto que teria origens místicas. Essa terceira hipótese, para nós, seria a mais difícil de ter acontecido, pois não acreditamos que uma pedra teria poderes sobrenaturais; ainda que a parte mística fosse

apenas simbólica e essa pedra tivesse mesmo existido, não encontramos nem um outro documento sobre a presença dela na região, o que encontramos foi apenas uma passagem que Floriano Fonseca traz em seu livro *Febre e Fraudes*, apontando o possível local onde poderíamos encontrar vestígios da pedra, contudo, ao irmos ao local não encontramos nada e nenhuma menção fazendo referência a ela, fortalecendo ainda mais nossa tese de que essa hipótese não teria dado nome à cidade.

A hipótese da pedra em formato de lagarto não é tão absurda quanto a da pedra mística. Procuramos em várias referências a respeito da pedra em forma de réptil. De fato, muitos historiadores mencionam a possível existência dela, há documentos datados do fim do século XVII que já se falava dela, muitos historiadores chagam até a apontar o local onde a teria existido, que seria próximo a um rio ao sul da cidade.

Para nós essa hipótese é pouco plausível de ter ocorrido, pois as menções a ela que encontramos em documentos antigos são de cerca de um século depois da colonização do município, além do fato de se tratar de uma pedra em forma de lagarto que, por ser uma pedra, poderia ter durado ao longo do século e existido até hoje, mesmo sendo esculpida pelo homem, ou até mesmo pela natureza, lembrando a aparência de um réptil.

O pesquisador Sebrão Sobrinho foi cético em relação à teoria da pedra do lagarto. De acordo com o autor, seria um absurdo existir naquela época uma pedra em forma de lagarto e mais absurdo ainda que tenha dado nome a uma cidade.

A última hipótese se trata do fazendeiro, que seu sobrenome teria dado nome a região. Acreditamos que essa hipótese seja a mais plausível de ter acontecido, já que naquela época era comum pessoas de posse ser homenageada com seu nome sendo dado a uma região, exemplo claro é a cidade de São Cristóvão que leva o nome de seu colonizador Cristóvão de Barros.

Ao procurarmos documentos que mencionassem a época que o fazendeiro teria chegado a Lagarto encontramos manuscritos datados de 1596, que seria a data oficial que ele chegou a terras lagartenses.

Tais documentos mencionam a chegada dos colonizadores, liderados por Antônio Gonçalves de Santana na região, os documentos que expomos é bem mais

antigo que os que falam sobre a possível existência da pedra em forma de lagarto. Por ser mais antigos os documentos que falam da aparição do fazendeiro, fortalece nossa tese que o fazendeiro tenha surgido bem antes da história da pedra, e que, possivelmente, ele seja mesmo patronímico da região.

Em toda nossa pesquisa, procuramos mostrar um outro lado de Lagarto com sua história e cultura. Mostramos que a cidade tem uma bela história e muita vontade de crescer. As divergências de opiniões aqui debatidas só mostram o quanto é importante ter vários pontos de vista para chegarmos a uma conclusão coerente e concisa. De modo algum procuramos desrespeitar a ideologia ou opinião de quem quer que seja, afinal, elas foram de suma relevância para formatarmos a nossa.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Brás. Notas e comentários da VIII carta. In: VILHENA, L. S. **A Bahia no Século XVIII**. Notas e comentários Braz do Amaral. Salvador: editora Itapuã, 1969.

BACELLAR, Carlos, Fontes Documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: Carla Bassanezi Pinsk (organizadora), **Fontes Históricas,** 2. Ed. 1ª reimpressão – São Paulo, editora contexto, 2008.

DINIZ, Diana Maria de Faro Leal. **Textos para história de Sergipe.** Coordenadora; Beatriz Góis Dantas... [et El.]. 2. ed. – São Cristóvão: editora UFS Aracaju: IHGSE, 2013.

FONSECA, Adalberto. **História de Lagarto**, governo de Sergipe: 2002.

FONSECA, Floriano Santos, **Febres e Fraudes na Vila do Lagarto: Apontamento para o Estudo da História de Lagarto** – Aracaju: infographics, volume 1, 2015.

GANDAVO, pero de Magalhães, séc. XVI. **Trata da Terra do Brasil: história da província de santa cruz.** - Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

MEDEIROS, Celme Farias. **Sergipe: história e geografia** – Celme Farias Medeiros, Eduardo Frigolettto de Medeiros. São Paulo: editora do Brasil, 2007.

MENEZES NETO, Pedro Viera de, **Antônio Martins de Menezes: O Desbravador** – Aracaju: J. Andrade, 2016.

MOTA, Carlos Guilherme, (1941). **A idéia de revolução no Brasil e idéias /** Carlos Guilherme Mota - São Paulo: Globo, 2008.

MOTT, Luiz. **Sergipe colônia e império: religião**, família, escravidão e sociedade – 1591-1882. – são Cristóvão: editora UFS; Aracaju: fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

RODRIGUES, José Honório. **História da História do Brasil**. A Historiografia conservadora. São Paulo: Editora Nacional; Brasília: INL, 1978-1988, vol. II, tomo I.

SEBRÃO SOBRINHO. **Laudas da História de Aracaju**. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju (trabalho editado em homenagem ao centenário Primevo da capital Sergipense), 1954.

SEBRÃO SOBRINHO. Cordialidade de Afonseca, In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe,** N° 22, 1955-1958, vol. XVII.

VILHENA, Luiz dos Santos. **A Bahia no Século XVIII**. Prefácio, notas e comentários Braz do Amaral. Salvador: editora Itapuã, 1969, vol. 1.

VILHENA, Luís dos Santos. **Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasilicas.** Prefácio, notas e comentários de Braz do Amaral. Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1921, livro I.

SITES

https://www.google.com.br/search?q=BANDEIRA+DE+LAGARTO+SERGIPE

http://www.ferias.tur.br/fotos/8802/lagarto-se.html

http://historiaeculturadelagarto.blogspot.com.br/2010/04/emancipacao-e-emancipacoes-130-anos-da.html